

A GEOPOLÍTICA DO CÁUCASO: UMA ANÁLISE DO CONFLITO DO NAGORNO-KARABAKH

Helvécio de Jesus Júnior*
João Ricardo Guilherme Zimmer Xavier**

RESUMO

A Guerra do Nagorno-Karabakh ocorreu entre 1988 e 1994, no primeiro momento entre as repúblicas soviéticas da Armênia e do Azerbaijão e, com as respectivas independências, em 1991, o conflito continuou e tomou maiores proporções. Em decorrência da importância geopolítica da região, as potências globais e regionais passam a influenciar no conflito que não foi resolvido até o momento, o que lhe dá um status de “nem guerra, nem paz”, com um cessar-fogo que não gerou o fim das hostilidades. Desta forma, serão apresentados, neste artigo, o histórico do conflito, seus aspectos geopolíticos, a ação de atores externos e os seus interesses na região. **Palavras-chave:** Geopolítica. Relações Internacionais. Nagorno-Karabakh. Armênia e Azerbaijão.

THE GEOPOLITICS OF THE CAUCASUS: AN ANALYSIS OF THE NAGORNO-KARABAKH CONFLICT

ABSTRACT

The Nagorno-Karabakh war occurred between 1988 and 1994, at first among the Soviet Republics of Armenia and Azerbaijan and to their independence in 1991, the conflict continued and took larger proportions. Due to the geopolitical importance of the region, global and regional powers began to influence the conflict that has not been resolved to date, maintaining a status of “no war, no peace” with a ceasefire that did not cause the end of hostilities. Thus this article presents the history of the conflict, its geopolitical aspects and the action of external actors and their interests in the region.

Keywords: Geopolitics. International Relations. Nagorno-Karabakh. Armenia and Azerbaijan.

* Possui graduação em Relações Internacionais por la Universidad Vila Velha (2005), graduação em Relações Internacionais por la Universidad Vila Velha (2005), (2005), Maestría en Relaciones Internacionales por el Instituto de Relaciones Internacionales de la Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro (2007). Doctor en Historia por la Universidad Federal de Espírito Santo UFES (2015). Actúa en el área de Relaciones Internacionales, principalmente en los siguientes temas: Seguridad Internacional, Geopolítica, Teorías de Guerra y Paz y Teoría de las Relaciones Internacionales. Es profesor titular del curso de Relaciones Internacionales y del postgrado en la Universidad Vila Velha, ES (UVV). contacto: helvecio.junior@uvv.br.

** Possui graduação em Relações Internacionais por la Universidad Vila Velha (2011) y maestría en Ciencia Política por la Universidad Federal de Paraná (2016). Tiene experiencia en el área de Ciencia Política, con énfasis en Política Internacional, actuando principalmente en los siguientes temas: Azerbaijón, genocidio, Armenia, Crimea y seguridad. contacto: joaoricardoxavier@hotmail.com.

LA GEOPOLÍTICA DEL CÁUCASO:
UN ANÁLISIS DEL CONFLICTO NAGORNO-KARABAKH

RESUMEN

La guerra de Nagorno-Karabaj tuvo lugar entre 1988 y 1994, al principio entre las repúblicas soviéticas de Armenia y Azerbaiyán, y para su independencia en 1991, el conflicto continuó y tomó mayores proporciones. Debido a la importancia geopolítica de la región, los poderes globales y regionales comenzaron a influir en el conflicto que no se ha resuelto hasta la fecha, manteniendo un estado de “no guerra, no paz” con un alto el fuego que no causó el fin de las hostilidades. Así, este artículo presenta la historia del conflicto, sus aspectos geopolíticos y la acción de actores externos y sus intereses en la región.

Palabras clave: Geopolítica, Relaciones Internacionales, Nagorno-Karabakh, Armenia, Azerbaiyán.

1 INTRODUÇÃO

A região do Cáucaso, ao sul da Ásia Central e na divisão geográfica entre a Europa e o continente asiático, tem importância fulcral na história das guerras. Sua posição privilegiada com acesso ao norte do Oriente Médio e a Oeste para o Mar Negro com saída para o Mar Mediterrâneo pelo Estreito de Istambul demonstram localizações desejadas pelas potências militares ao longo da história das relações internacionais.

Este estudo tem o objetivo de analisar os aspectos geopolíticos de uma região conturbada, especificamente o caso do conflito Nagorno-Karabakh que ainda não tem uma solução definitiva, gerando muitas tensões e determinando a forma de ação e as políticas de vários atores internacionais para a região.

Outrossim, buscaremos averiguar o histórico do conflito, suas raízes e consequências para a região, o período de escalada de violência durante o declínio da União Soviética, a guerra posterior a esta e o período de cessar-fogo com as ameaças de retorno ao conflito.

Do mesmo modo, é importante examinar a importância da região para o mundo de acordo com as teorias geopolíticas do poder terrestre com ênfase no conceito de *Heartland*, de Halford Mackinder e nas análises posteriores de Zbigniew Brzezinski centradas na região central da Eurásia onde se encontram os países beligerantes e várias das partes interessadas na resolução ou na manutenção do conflito.

Por fim, descreveremos os atores envolvidos direta e indiretamente, suas motivações e interesses, os acordos para a resolução do conflito até agora demonstrados e a relevância de aspectos geopolíticos, como o petróleo e o gás, que tornam a região um foco de interesses de várias partes, e não só dos envolvidos diretamente e seus vizinhos.

2 HISTÓRICO E STATUS ATUAL DO CONFLITO

Esta seção tem como objetivo analisar o histórico do conflito, desde o período de transição do Império Russo para a União Soviética, passando pelo período soviético e a fase posterior, dando ênfase às hostilidades que geraram o conflito e as tentativas de resolução até a situação atual.

A região do Nagorno-Karabakh fica no sul do Cáucaso dentro do território da república do Azerbaijão. No século XVIII, era um dos reinos azeris que tinham como objetivo ser uma oposição à influência do império Otomano, conforme analisado por Baguirov (2008). Esse território é reconhecido internacionalmente sendo do Azerbaijão, mas atualmente a maioria absoluta da população é de armênios, mantendo uma república autoproclamada com o nome de República do Nagorno-Karabakh, mas sem o reconhecimento internacional de nenhum país.

As duas repúblicas envolvidas diretamente no conflito, a Armênia e o Azerbaijão, entre os anos de 1921 até o início da liberdade política na União Soviética, conhecida como Perestroika em 1987, foram controladas para que nenhum conflito surgisse. Em 1921, o então comissário de nacionalidades da República Soviética Russa, Joseph Stálin, confirma a posse das regiões do Nagorno-Karabakh e Nakhijivan para o Azerbaijão, como parte do tratado de amizade e irmandade entre a República Soviética Russa e a República da Turquia, para evitar uma Armênia forte que pudesse ter interesses territoriais na nascente república turca, que poderia gerar problemas na região (CORNELL, 1999).

Com o declínio da influência soviética na região, começam as hostilidades com os pogroms (ataques violentos a pessoas e seu ambiente) contra dezenas de armênios nas cidades azeris de Sumgait e Baku, em fevereiro de 1988, o que aumentou a tensão e fez com que 400.000 armênios fugissem do Azerbaijão e 170.000 azeris fugissem da Armênia, para sua terra natal (CHORBAJIAN; DONABEDIAN; MUTAFIAN, 1994).

Do outro lado, ataques contra azeris também aumentavam em grandes proporções, com vários pogroms a cidades de Gugark e Gosh com dezenas de mortos e intensificando os nacionalismos dos países:

No início do ano de 1992, o vácuo de poder criado pela Dissolução da União Soviética terminou com o último fator que continha o conflito. Com a iminente retirada das ex-forças soviéticas, Karabakh passa a ser o cenário de uma crescente guerra de larga escala. O lado armênio, que havia se preparado para resolver o conflito por meios militares, não perdeu tempo para agir. No início de fevereiro, os vilarejos azeris de Malybeli, Karadagly e Agdabam foram conquistados e a sua população expulsa, levando pelo menos 99 civis mortos e 140 feridos (CORNELL, 1999, apud YUSUNOV, p. 31, tradução nossa).

Com o início da guerra propriamente dita, acontece o maior massacre do conflito. No fim da noite de 25 de fevereiro de 1992, tropas armênias e da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) invadem a cidade de Khojaly, no território do Nagorno-

Karabakh, e realizam uma limpeza étnica matando 613 civis, incapacitando 1000 e fazendo 1275 reféns, aniquilando com toda a pequena cidade (ATUN, 2011).

Após o massacre, a ofensiva dos armênios do Nagorno-Karabakh não termina. Conforme analisado por Cornell (1999, p. 33, tradução nossa):

Em maio, as cidades de Shusha e Lachim foram conquistadas, criando um corredor entre a Armênia e a Região do Nagorno-Karabakh. Até esse momento, as duas entidades eram separadas pela presença militar azeri no fino corredor separando Karabakh da Armênia, uma situação que dificultava o acesso de suprimentos armênios para a região do Karabakh. Assim, de um ponto de vista logístico, essa conexão é crucial para futuros desenvolvimentos da guerra. Também do ponto de vista político-militar, este evento foi de extrema importância. Para todos os efeitos práticos, Karabakh pode se conectar com a Armênia, mesmo que por razões políticas a integração ainda seja negada (CORNELL, 1999, p. 33, tradução nossa).

Com a conquista dessas vitais regiões, de um ponto de vista geoestratégico, o conflito torna-se mais fácil para a Armênia, mesmo com sequentes recuperações do exército azeri. Com o apoio logístico da Armênia, os armênios do Karabakh ganham o controle da região, com cerca de 30.000 mortos e um saldo de mais de 1.000.000 de deslocados internos e refugiados (GAMAGHELYAN, 2005). Ao fim do conflito, a região ocupada ficou delimitada conforme mostrado no mapa.

Figura 1 – Delimitação da Região após o Conflito Nagorno-Karabakh



Fonte: VICENTE, 2017. Disponível em: <http://curiosidadesnumismaticas.blogspot.com/2017/03/el-dram-de-nagorno-karabaj.html>

Durante o conflito, os organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) condenavam as ações da armênia e afirmavam que o território pertencia ao Azerbaijão, com as resoluções 822, 853, 874 e 884 do Conselho de Segurança.

[...] reafirmando a soberania e a integridade territorial da República do Azerbaijão e de todos outros estados na região. [...] Solicita ao Governo da Armênia usar sua influência para conseguir o cumprimento pelos armênios da região de Nagorno Karabakh, na República do Azerbaijão, das resoluções 822 (1993), 853 (1993) e 874 (1993), e para garantir que as forças envolvidas não disponham dos meios para ampliar ainda mais sua campanha militar (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1993, p. 1-2, tradução nossa).

De acordo com Cornell (1999), após anos de conflito, em maio de 1994, um cessar-fogo entre as duas partes com apoio da Rússia é assinado. Porém a cada dia as violações do cessar-fogo nas fronteiras entre o Azerbaijão e a região ocupada do Nagorno-Karabakh continuam, repercutidas como unilaterais pelas mídias da Armênia e do Azerbaijão (TERT, 2011; NEWS, 2011).

Sendo assim as partes beligerantes continuam num conflito de baixa intensidade, vivendo uma situação de “nem paz, nem guerra” que perdura até hoje. Vários acordos já foram propostos pelo chamado grupo de Minsk, organizado pela Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa (CSCE), agora Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), que reúne as lideranças de Armênia, Azerbaijão, Federação Russa, França e Estados Unidos, mas nenhum deles foi aprovado pelas duas partes. (HUSEYNOV, 2005)

Alguns dos principais acordos propostos pelo grupo de Minsk foram o acordo “passo a passo” de 1997, que consistia em liberar seis distritos azeris do controle de Karabakh, restando apenas a região original e o corredor de Lachim sob controle de forças dos armênios do karabakh; as questões do corredor de Lachim e do retorno dos deslocados para as regiões de Shusha e Shahumian ficariam para as próximas fases. A outra proposta é a do “estado comum”, elaborada pelo grupo em 1998, que consiste em uma união entre a República do Azerbaijão e a República do Nagorno-Karabakh; o grande problema mais uma vez é a questão do corredor de Lachim. Por fim, surge uma ideia de uma troca territorial entre Lachim e o distrito armênio de Meghri, que poderia dar uma ligação entre o território de Nakichevan com o resto do Azerbaijão, mas as discussões sobre a simetria dessa troca levaram a não concordância entre as partes (ZOURABIAN, 2006).

3 IMPORTÂNCIA GEOPOLÍTICA DO SUL DO CÁUCASO

As teorias geopolíticas podem apresentar a importância da região e como os atores devem agir, seguindo uma lógica de poder e as possibilidades de solução para o conflito entre os azeris e os armênios do Nagorno-Karabakh. A geopolítica estuda a relação entre o poder e a geografia e trata-se de um conflito impregnado de importância geopolítica.

Pretende-se apresentar, de acordo com a teoria geopolítica do poder terrestre de Mackinder (1904) e suas análises posteriores, como a de Brzezinski (2012), a relevância da região para a geopolítica mundial e os aspectos que geram interesses dos atores envolvidos direta e indiretamente.

Halford Mackinder (1904) em um discurso histórico na *Royal Geographic Society* de Londres afirmou existir uma área-pivô da política internacional que ia da Europa do Leste às Planícies da Sibéria chamada por ele de *Heartland*. Para Mackinder (1904) haveria uma luta entre o poder terrestre e o poder naval como um tema unificador da história humana. A região da Eurásia, compreendendo o conceito de *Heartland*, estaria inacessível às potências navais e privilegiaria as potências terrestres. Haveria um “crescente interior” incluindo desde a Europa Central, passando pela Ásia Menor até a China e Índia. E também um “crescente exterior” incluindo o Oriente Médio ao sul e Inglaterra e Japão em suas extremidades (TOSTA, 1984). Na tradicional definição de Mackinder (1904, p.106): “Quem domina a Europa Oriental, controla o *Heartland*; quem domina o *Heartland*, controla a Ilha-Mundo; quem domina a Ilha Mundo, controla o Mundo”.

De acordo com Tosta (1984), a teoria geopolítica do poder terrestre surge do declínio do poder marítimo britânico no final do século XIX e início do século XX, e seu principal teórico, Halford John Mackinder (1904), acreditava que estava no começo da era do poder terrestre. Destaca-se, igualmente, a força política enquanto influência sobre os tomadores de decisão desde o discurso de Mackinder (1904). As potências navais como a Inglaterra em sua hegemonia com a *Royal Navy* entre os séculos XVIII e XIX e os EUA no século XX seguiram o pressuposto de Mackinder (1904) de evitar o controle da região geográfica do *Heartland* na Eurásia por apenas uma potência hegemônica.

Por outro lado, as potências terrestres como a Rússia e posteriormente a URSS, bem como a China e a Índia mantêm uma política de equilíbrio de poder no sentido de não permitir um predomínio geopolítico de uma só nação. A rivalidade após a Segunda Guerra Mundial entre o Pacto de Varsóvia liderado pelos soviéticos e a OTAN sob a liderança norte-americana também corroboram a tese da disputa estratégica pela Eurásia validada na teoria geopolítica de Mackinder (1904).

No mapa abaixo é possível visualizar a cartografia geopolítica da área pivô segundo Mackinder (1904) e a região do Cáucaso, onde acontece o conflito entre Azerbaijão e Armênia, no retângulo destacado.

Figura 2 - Região do Cáucaso, no retângulo área de conflito entre Azerbaijão e Armênia



Fonte: VICENTE, 2017. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2014/03/08/del_alfiler_al_elefante/1394269200_139426.html

A teoria do poder terrestre de Mackinder (1904) é fundamentada, de acordo com Vessentini (2000), no pivô geográfico da história, que a maior parte de terra do mundo pertence à região do antigo continente, abrangendo as regiões da Europa, Ásia e África, a que ele chama de ilha mundial, onde se encontra uma região central, chamada por Mackinder (1904) de *Heartland*, conforme visto no mapa acima, e o *Rimland*, as periferias de importância estratégica.

Tosta MACKINDER, 1904 p. 55) verifica que: “O *Heartland* está colocado em seu cinturão de amplas defesas naturais: Oceano Ártico, coberto de gelo; Lenalândia, florestal e escarpada; e as montanhas e áridos altiplanos da Ásia Central”. Mais adiante é ainda Macckinder que comenta:

A Eurásia é a massa de terra que se estende da Europa à Ásia, separada pela cordilheira dos Montes Urais, tendo a Rússia e a Turquia parte de seus territórios nos dois continentes. Seu *Heartland*, situado, fundamentalmente, entre a Ásia Central e o mar Cáspio, abrange o Cazaquistão, Armênia, Azerbaijão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Usbequistão, Sibéria Ocidental e a parte setentrional do Paquistão, e é circundado pelo Afeganistão, Rússia, China, Índia e Irã. (BANDEIRA, 2008, p. 9).

Conforme analisado por Tosta (1984), Mackinder (1904) considera a região como o centro de poder e quem tiver a maior influência e dominá-la terá o controle das ações mundiais, pois nenhum poder marítimo pode alcançá-lo.

Em uma análise posterior das teorias de Mackinder (1904), o ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, Zbigniew Brzezinski (2012) corrobora a perspectivas relacionadas ao *Heartland* e Eurásia enquanto focos analíticos no campo estratégico do tabuleiro de poder mundial. Em sua análise sobre a balança de poder na região do Cáucaso onde se dá o conflito Nagorno-Karabach, o Brzezinski (2012) avalia a importância de evitar o domínio de uma nova superpotência na região, bem como a política externa dos EUA para a Rússia na direção de dissuadir um retorno nostálgico do poderio expansionista soviético em um mundo pós-Guerra Fria:

A nova realidade é que nenhuma potência pode mais buscar – nas palavras de Mackinder – “dominar” a Eurásia e assim “controlar” o mundo. O papel dos EUA, sobretudo após ter desperdiçado vinte anos, deve agora ser mais sutil e agora em reação às novas realidades de poder. O domínio por um único Estado, independentemente de seu poder, não é mais possível, sobretudo devido a emergência de novos atores regionais. Desta forma, o objetivo oportuno e de longo prazo dos EUA deve ser uma ampla estabilidade transeurásiana geopolítica baseada em acomodação crescente das antigas potências do Ocidente e as novas potências do Oriente. (BRZEZINSKI, 2012, p. 312).

Ainda nesse tema Brzezinski (2000) discorre sobre a importância de manter as independências dos pequenos países da região do Cáucaso como uma forma de manter a região fragmentada ao mesmo tempo em que se evite uma política somente de dissuasão militar da Rússia para também a incluir em parcerias econômicas e estratégicas evitando, assim, nostalgias imperialistas russas na região.

O fato de que tais ilusões e nostalgias tendem a se autoperpetuar torna ainda mais importante que as políticas ocidentais incluam a Rússia e afastem a necessidade de uma redefinição básica do papel russo na Eurásia. A fim de facilitar a transformação histórica da Rússia, deve-se sustentar o apoio ocidental à consolidação de novos Estados, especialmente Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão e Uzbequistão. (BRZEZINSKI, 2000, p. 337).

Brzezinski (2000) também segue a linha do geógrafo inglês, Mackinder (1904), ao considerar a Eurásia como o centro do poder mundial, e que o tempo que os Estados Unidos continuariam como potência dependeria de como os governantes

agiriam nessa região. Vessentini (2000) ao analisar a obra de Brzezinski (2000) recorda que:

Cerca de 75% da população mundial vive na Eurásia, 60 % do PNB do globo e, excetuando os Estados Unidos, aí se localizam as seis maiores economias e os seis maiores gastos nacionais com armamentos. Dessa forma, a Eurásia ainda 'é o tabuleiro de xadrez no qual a disputa pela primazia global continua a ocorrer', e 'como a América gerencia a Eurásia' é algo crítico para a continuidade da supremacia norte-americana, pois a falência desta faria com que o mundo tivesse 'mais violência, menos democracia e menor crescimento econômico. (VESENTINI, 2000, p.100).

E o autor continua:

No novo mapa político da Eurásia existiriam cinco atores geoestratégicos fundamentais: a França, a Alemanha, a Rússia, a China e a Índia. Outros estados que possuem atuação geoestratégica importante seriam o Irã, a Turquia, a Ucrânia, O Azerbaijão e a Coreia do Sul; já o Reino Unido, o Japão e a Indonésia seriam 'países importantes', mas atores geoestratégicos praticamente nulos, pois não possuem vontade, ou seja, projetos e atuações para modificar o *status* geopolítico do continente ou do globo. (VESENTINI, 2000, p.100).

Com a análise geopolítica baseada nesses autores, Bandeira (2008) considera o Azerbaijão e a Geórgia como países-chave, não só por sua imensa produção de gás e petróleo, mas porque deles depende a manutenção de um corredor que ligue as regiões produtoras do Cáucaso e da Ásia central, aos compradores ocidentais, sem que passe por regiões mais tumultuadas e voláteis como a Rússia e o Irã.

Sabendo dessa relevância, Azerbaijão e Geórgia planejam o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC), que ligam os poços produtores do campo de Baku, no Azerbaijão, e passa por Tbilisi, na Geórgia e chega até ao porto de Ceyhan, na Turquia, que faz o petróleo do Cáspio chegar ao Mediterrâneo, gerando uma importância, analisada por Cornell, Tsereteli e Socor:

Por sua vez, a principal implicação do oleoduto BTC é ter se tornado um verdadeiro catalisador para a cooperação estratégica positiva dos jovens estados da região. Num

primeiro nível e em termos práticos, esta cooperação tem incluído a Geórgia e o Azerbaijão bem como a Turquia. O Cazaquistão tem sido constantemente envolvido no projeto, embora em menor intensidade, enquanto o Turcomenistão poderia se beneficiar muito ao ingressar nesta cooperação. Sendo estados em busca de identidades políticas e econômicas, o BTC oferece aos Estados participantes, uma base para seu papel estratégico de fornecedores e países de trânsito da mercadoria mais importante do mundo: energia. De fato, o BTC permitiu ao Azerbaijão e a Geórgia formarem uma parceria estratégica e estimulou-os a cooperar estreitamente com o Cazaquistão. “Não é exagero afirmar que o BTC tem estimulado a criação de parcerias estratégicas de Azerbaijão-Geórgia e Turquia-Geórgia. (CORNELL; TSERETELI; SOCOR, 2005, p. 24, tradução nossa).

Com tamanha importância para a região, não é estranho que tantos países queiram demonstrar seu poder, para defender seus interesses na região, pois como foi ressaltando anteriormente, Mackinder (1904) apontava a região eurásiana como um pivô dos conflitos globais entre o poder terrestre e o poder naval e mais do que isso, uma região crucial para o destino geopolítico global. É nesse *Heartland* que se encontra o conflito envolvendo Azerbaijão e Armênia diretamente e potências como a Rússia e EUA de forma indireta.

4 ATORES ENVOLVIDOS NO CONFLITO E TENTATIVAS DE RESOLUÇÃO

Nesta seção pretende-se analisar como os principais atores envolvidos diretamente (Armênia, Azerbaijão e os armênios do Karabakh) e as partes interessadas indiretamente (Estados Unidos, Federação Russa, Irã, Turquia e a União Europeia) se envolvem nesse conflito, seus interesses, sobre as possíveis resoluções propostas e as consequências da situação de “sem guerra, nem paz”.

O posicionamento da Armênia na questão do Nagorno-Karabakh é a de apoio aos armênios da região, mas o governo do país nunca reconheceu oficialmente a República do Nagorno-Karabakh, mas apoia e envia recursos para a região. (NOVIKOVA, 2000)

A política externa da Armênia é muito voltada para esse conflito, onde busca o maior apoio internacional possível, facilitado graças a grande concentração de descendentes de armênios, principalmente nos principais países mediadores: Federação Russa, Estados Unidos e França de acordo com as notícias do British Broadcasting Corporation (BBCNEWS, 2007).

Para a armênia a maior preocupação é a Turquia, inicialmente mais por razões históricas do que atuais; claro que a aliança turca com o Azerbaijão aumenta a percepção de ameaça. A Armênia realmente vê a Turquia não só como uma ameaça a segurança nacional, mas com a sensação de que é uma ameaça à sobrevivência da nação armênia, devido à percepção da Turquia como um estado com intenções genocidas. (CORNELL, 1999, p.146, tradução nossa)

A política do Azerbaijão para a região do Nagorno-Karabakh é simples: o país quer a reintegração total de seu território, de qualquer forma. Com o aumento das exportações de petróleo do país e com o aumento do efetivo militar, a opção da força sempre é considerada nesse conflito. De acordo com a análise de Cornell (1999), a preocupação do Azerbaijão consiste em recuperar o território, reintegrar os refugiados azeris para a região e demonstrar que a região é uma alternativa válida para o transporte de petróleo e gás para os países do ocidente, com segurança, para que esses países não dependam de Rússia e Irã:

A situação do Azerbaijão é bem mais complicada: ele vê tanto Irã, quanto a Rússia como ameaças a sua segurança, e só pode depender da Turquia para ajudá-lo - um grande problema aqui é que o Azerbaijão é afastado de Nakhjivan por território armênio e, portanto, não tem uma conexão de terra contínua para a Turquia. Azerbaijão, portanto, se sente espremido entre três estados hostis: Irã, Rússia e Armênia, todos os quais estão em posição de ameaçar a segurança do Azerbaijão, tanto por meios militares como prevenindo o Azerbaijão de trazer seu petróleo para o mercado. (CORNELL, 1999, p.146, tradução nossa).

A Turquia, a principal aliada do Azerbaijão na região, define seus interesses em três principais aspectos: a necessidade de energia, uma identidade cultural do “mundo turco” e a rivalidade latente com a Armênia; assim ela mantém o embargo a Armênia e faz seus acordos de cooperação como o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (CORNELL, 1998).

A posição do Irã sobre o conflito é pró-Armênia, mesmo que num primeiro momento pareça controverso, dado as proximidades religiosas e culturais dos dois povos muçulmanos. Mas a política externa iraniana segue uma lógica geopolítica que valoriza o poder sobre a cultura. O Azerbaijão independente se aproximou muito da Turquia, rival local do Irã, e também devido aos interesses dos Estados Unidos na região, como opção ao petróleo iraniano, a situação para o país fica melhor com o “sem paz, nem guerra” vigente ou com um novo conflito (CORNELL, 1999).

Outra parte interessada, a União Europeia quer participar ativamente das negociações entre as partes envolvidas para que a região tenha a paz necessária, para que haja uma maior cooperação, principalmente no setor energético, entre a Europa e o sul do Cáucaso; para tal pede a França para que seja a porta-voz da União Europeia no Grupo de Minsk, ou que o representante da França seja substituído por um da União Europeia. (WOLFF, 2007).

Wolff em seu relatório ainda afirma:

A União Europeia precisa se envolver mais diretamente e de forma mais eficaz com a sociedade civil, mídia e os meios públicos mais amplos na Armênia, Azerbaijão e NK para contrariar a propaganda predominante de ódio que envenena a opinião pública e limita as oportunidades das elites para fazer concessões e compromissos. (WOLFF, 2007, p. 5, tradução nossa).

E ainda:

A UE deve promover uma solução provisória / solução 'em pacote de fases' que trate de questões urgentes imediatamente, enquanto deixa as questões do estatuto final e fronteiras para uma data posterior e um processo separado ainda a ser acordado. É particularmente importante para iniciar tal solução 'em pacote de fases', com vistas as áreas temáticas em que ambas as partes podem achar que é fácil fazer concessões e que podem contribuir para a confiança entre as partes que podem, em seguida, criar uma situação em que os compromissos difíceis possam ser cumpridos e que vão encontrar apoio suficiente entre seus seguidores. (HILL; TASPINAR, 2006, p. 240).

A Rússia é uma das principais partes interessadas no quesito geopolítico e é um dos copresidentes do Grupo de Minsk; sua política externa desde o fim da União Soviética foi baseada na manutenção de uma zona de influência nas regiões do Báltico, do Cáucaso e da Ucrânia; porém não está tão interessado em assumir liderança na resolução desses problemas regionais, principalmente no caso de algum acordo prejudicar os interesses russos na região:

Tendo em conta as crescentes dificuldades da Rússia, de manter a Turquia e, especialmente, os EUA longe de sua desejável esfera de influência, a relação entre Rússia e Irã é provável que cresça ainda mais com o tempo. [...] O mais preocupante é que possivelmente uma parte considerável da ajuda armamentista

que a Rússia deu a Armênia em 1997, passou pelo Irã. Embora os dois governos neguem tal ajuda, ela tem alguma lógica. Já que a Rússia não tem nenhuma fronteira com a Armênia, transferências diretas teriam que passar pela Geórgia; com a Geórgia fortalecendo relações com o Azerbaijão, seria improvável que a Rússia transferisse ajuda armamentista de US\$ 1 bilhão sem o conhecimento da Geórgia. No entanto, a Rússia poderia enviar por navio pelo mar Cáspio para o Irã, onde poderia ser transportada facilmente para a Armênia, dada as excelentes relações entre Armênia e Irã. (CORNELL, 1999, p. 59, tradução nossa).

Os Estados Unidos, como ator nas políticas da região do sul do Cáucaso, tiveram duas fases: a de negligência, e a de engajamento. A primeira nos anos após o fim da União Soviética, quando os americanos acreditavam que as questões da região eram problemas domésticos da Rússia e que seriam facilmente resolvidos; a segunda fase surge do interesse dos políticos americanos nas questões energéticas da região e passam a ser um ator fundamental para a possível resolução do conflito (CORNELL, 1999).

Um grande problema para o apoio americano a alguma das partes vem da pressão dos lobbies: o da diáspora armênia e o dos grandes negociadores de petróleo, que influenciam nas decisões tomadas pelos governantes (SABANADZE, 2002). Com tantos atores envolvidos na questão, várias tentativas de resolução foram propostas para que tenha um fim essa terrível situação de “sem guerra, nem paz”, principalmente para as populações deslocadas.

Sendo assim, uma das opções é a retomada do *status quo ante bellum*, que seria a reintegração de fato de todos os territórios ocupados pelos armênios do Karabakh, com a permissão de permanência dos armênios na região, com direitos de exercer cultura e religião, porém sem secessão ou qualquer outra forma de tomada violenta de poder; o problema da decisão são as graves marcas deixadas pela guerra e o grande medo da convivência entre as duas partes, uma vez que os armênios não querem correr riscos. (CORNELL, 1999)

Cornell (1999) considera que a opção oposta a isso seria o reconhecimento da autodeterminação dos armênios do Nagorno-Karabakh e sua independência ou anexação à Armênia; essa ideia, abominada pelos azeris, é uma autodeterminação baseada em limpeza étnica e uso da força para mudar as fronteiras e não pode ser reconhecida: essa opção também é polêmica, pois a região de Lachim, que liga a Armênia com o Nagorno-Karabakh é fundamental para as negociações e o Azerbaijão não admite sua transferência:

Outra proposta que tem sido feita recentemente, é a concessão ao Nagorno-Karabakh de um status de neutralidade com garantias internacionais. Segundo o plano, apresentado por Nikolay Hovhannisyan da Academia de Ciências da Armênia, o NKAO seria renomeado como o Território Neutro do Nagorno-Karabakh (NKNT), que seria garantido pelo conselho de segurança da ONU, a Armênia e o Azerbaijão. NKNT teria sua própria constituição, e ser governado por executivos e legislativos eleitos localmente e órgãos, sob a supervisão de um plenipotenciário porta-voz do Conselho de Segurança, aprovado pela Armênia e pelo Azerbaijão, cuja principal função seria a de assistir à neutralidade do NKNT. O território teria suas próprias forças militares e policiais, representação externa, e sua própria bandeira, brasão de armas, etc. Além disso, de acordo com a sugestão, o corredor Lachin estaria associado com o NKNT. O problema com esta solução, é claro, é que ela é simplesmente uma forma encoberta de concessão total de independência ao Nagorno-Karabakh com a restrição de sua neutralidade política. Teria todos os bens e símbolos de um estado, exceto no nome, e além disso incluem o corredor Lachin. Em outras palavras, é uma solução que atende os interesses do lado armênio quase completamente, rejeitando a integridade territorial do Azerbaijão. (CORNELL, 1999, p. 142).

Ainda de acordo com Cornell (1999) para que o conflito seja resolvido alguns aspectos são os pilares para qualquer acordo futuro: a integridade do território azeri, o direito de autodeterminação dos armênios do Karabakh, o retorno dos deslocados, uma transição com ajuda internacional para a região de Lachin com forças de *peacekeeping* e considerando a dimensão econômica do conflito.

Com todas essas variantes a serem consideradas, o conflito do Nagorno-Karabakh é um conflito que dificilmente será minorado sem o apoio de outras potências e organizações internacionais, respeitando a questão dos deslocados para a busca de uma paz duradoura para a região.

5 CONCLUSÃO

Tendo como base a análise do histórico do conflito, podemos observar um grande impasse para a região em um conflito que está na situação de “sem paz, nem guerra” a dezessete anos e sem nenhuma negociação que agrade as duas partes, tornando a opção militar uma preocupação constante no sistema internacional, onde interesses de atores externos também estão em jogo.

Neste cenário, analisamos a crescente importância geopolítica. As teorias apresentadas por Mackinder e Brzezinski para a Eurásia permanecem com fatores explicativos importantes uma vez que os interesses geopolíticos das grandes potências para essa região colidem. Do mesmo modo cresce a impotência econômica da região, com a importância do petróleo, baseando-se na geopolítica dos oleodutos, principalmente o Baku-Tbilisi-Ceyhan, o qual é extremamente importante para os atores envolvidos.

Pode-se, ainda, identificar a racionalidade dos atores não beligerantes envolvidos na região e suas políticas para a mesma, considerando o complexo de segurança inserido e suas alianças, que podem ser tanto de identificação cultural, como a Turquia-Azerbaijão, como apenas de interesses específicos na causa e no poder, como a aliança Armênia-Irã.

Considerando os fatos e as análises aqui apresentadas, devemos esperar um maior engajamento internacional para a redução das tensões do conflito, e quaisquer que sejam as possibilidades de resolução, precisarão estar bem coordenadas e monitoradas, para que se evite novas situações desse conflito étnico, e principalmente evite novos genocídios como o de Khojaly.

REFERÊNCIAS

ATUN, A. *Principal Actors of Khojali Genocide*. International Journal of Academic Research, Nicosia, v. 3, n. 4, p.370-373, jul. 2011.

BBC NEWS (ed.). *Armenia seeks to boost population: Armenia's parliament has passed a dual nationality bill which allows the granting of citizenship to emigres in the huge Armenian diaspora*. 2007. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/6382703.stm>. Acesso em: 31 set. 2016.

BAGUIROV, A. *Nagorno-Karabakh: basis and reality of Soviet-era legal and economic claims used to justify the Armenia-Azerbaijan war*. Caucasian Review of International Affairs, Frankfurt, v. 2, n. 1, p.1-14, 2008. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/104432/Full.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2016.

BANDEIRA, L. A. M. Dimensão Estratégica e política externa dos Estados Unidos. In: _____. *Geopolítica e Política Exterior: Estados Unidos, Brasil e América do Sul*. 2. ed. Brasília: Funag, 2010. p. 9-42.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. *Strategic Vision: America and Global Crisis of Global Power*. Nova Iorque: Basic Books, 2012.

CORNELL, S.E. *The Nagorno-Karabakh Conflict*. Uppsala: Department of East European Studies, 1999. 164 p. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/podzim2012/MVZ208/um/35586974/Cornell_The_Nagorno-Karabakh_Conflict.pdf. Acesso em: 15 maio 2016.

CORNELL, Svante E. Turkey and the conflict in Nagorno Karabakh: a delicate balance. *Middle Eastern Studies*, [s.l.], v. 34, n. 1, p.51-72, jan. 1998. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00263209808701209>. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4283917?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 12 jun. 2016.

CORNELL, S. E.; TSERETELI, M.; SOCOR, V. Geostrategic Implications of the Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline. In: STARR, S. F.; CORNELL, S. E. *The Baku-Tbilisi-Ceyhan Pipeline: Oil Window to the West*. Washington: Silk Road, 2005. Cap. 2, p. 17-38. Disponível em: https://www.silkroadstudies.org/resources/pdf/Monographs/2005_01_MONO_Starr-Cornell_BTC-Pipeline.pdf. Acesso em: 12 jun. 2016.

CHORBAJIAN, L; DONABEDIAN, P; MUTAFIAN, C. *The Caucasian Knot: the History and Geopolitics of Nagorno-Karabagh*. Londres: Zed Books, 1994. 219 p.

GAMAGHELYAN, P. *Intractability of the Nagorno Karabakh Conflict: A myth or a reality*. 2005. Disponível em: <http://www.monitor.upeace.org/documents/intractability.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

HILL, Fiona; TASPINAR, Omer. Russia and Turkey in the Caucasus: Moving Together to Preserve the Status Quo?. *Russie.nei.visions*, [s.l.], n. 8, p.1-21, jan. 2006. Disponível em: <https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/hilltaspinaranglais.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

HUSEYNOV, T. Mountainous Karabakh: Conflict Resolution through Power-sharing and Regional Integration. *Peace, Conflict And Development: an interdisciplinary journal*, Bradford, p.1-31, jan. 2005. Disponível em: <http://www.peacestudiesjournal.org.uk/dl/Mountainous%20Karabakh%20final%20version%20edited%203.pdf>. Acesso em: 01 out. 2016.

MACKINDER, Halford J. The Geographical Pivot of History. *Geographic Journal*. n.23. 1904.

NEWS.AZ (Ed.). Armenians violate ceasefire: Armenian troops have violated ceasefire on the contact line of troops once again. *News.az*. [s.l.]. 21 set. 2011. Disponível em: <https://www.news.az/articles/karabakh/44913>. Acesso em: 31 set. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Conselho de Segurança das Nações Unidas*: Resolução 884. Nova Iorque: 1993. 2 p.

NOVIKOVA, G. Armenia and the Middle East. *Middle East Review of International Affairs*, [S.l.], v. 4, n. 4, p.60-66, dez. 2000. Disponível em: <http://www.rubincenter.org/meria/2000/12/novikova.pdf> . Acesso em: 06 jul. 2016.

SABANADZE, N. *International involmment in the south caucasus*. European Centre For Minority Issues, Flensburg, n. 15, p.1-37, fev. 2002. Disponível em: http://www.ecmicaucasus.org/upload/publications/working_paper_15.pdf. Acesso em: 1 jul. 2016.

TERT AM (Armenia) (Ed.). Azerbaijani forces violate ceasefire 900 times, fire 6000 bullets: Violations of ceasefire accord by the Azerbaijani front troops on the Line of Contact with Nagorno-Karabakh and Armenia have increased recently and continued during the past week. *Armenian News-Tert AM*. [s.l.]. 24 set. 2011. Disponível em: <https://www.tert.am/en/news/2011/09/24/nkr-border/354491>. Acesso em: 31 set. 2016.

TSERTISIVADZE, Felix. *The Forgotten Genocide*. Nova Iorque: Adeg Press, 2005. 75 p. Disponível em: http://www.ebooks.az/book_BuyMtfiz.html?lang=en. Acesso em: 11 jun. 2016.

TOSTA, O. *Teorias Geopolíticas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 103 p.

VESENTINI, J. W. *Novas Geopolíticas: As representações do século XXI*. São Paulo: Contexto, 2000. 125 p.

WOLFF, Stefan. The European Union and the Conflict over the Nagorno-Karabakh Territory. In: COMMITTEE ON MEMBER STATES' OBLIGATIONS PARLIAMENTARY ASSEMBLY OF THE COUNCIL OF EUROPE, 2007, Berlim. *Report*. [s.l.]: Parliamentary Assembly of The Council of Europe, 2007. p. 1 - 6. Disponível em: <http://www.stefanwolff.com/files/EU-NK.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2016.

ZOURABIAN, L. The Nagorno-Karabakh Settlement Revisited: Is Peace Achievable?. *Demokratizatsiya: The Journal of Post-Soviet democratization*, Washington, v. 14, n. 2, p.252-265, 2006. Disponível em: <http://www.demokratizatsiya.org/bin/pdf/DEM%2014-2%20Zourabian.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2016.

Recebido em: 11 maio 2018

Aceito em: 14 nov. 2018